



### LEGUMES CEZAR

“Vendo legumes, milho verde, bergamota, aipim, batata-doce, e outros derivados. Vim do Rio Grande do Sul já vai fazer quase 2 anos”

- 📍 nos Ingleses, Campeche, Palhoça e São José. De casa em casa, em frente de lojas e restaurantes.
- 🕒 não tem hora, trabalha o dia todo até concluir o serviço.
- 💳 PIX, cartões, dinheiro vivo em espécie e até fiado (para clientes com residência fixa).

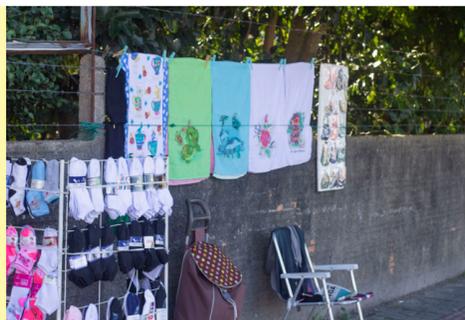
**“A nossa mercadoria vem pelo pequeno produtor. Tomamos todos os cuidados e procuramos sempre cativar o cliente de uma mercadoria segura, conservada e sem nada de veneno”**



### MEIASGUARDANAPOSMÁSCARASEDITE

“Eu morava no Rio Grande do Sul, na cidade de Rio Grande. Eu tô aqui faz 14 anos... Faz mais de 30 anos que eu trabalho como vendedora ambulante”

- 📍 na João Gualberto Soares, perto da Agropecuária Três Pinheiros.
- 🕒 entra às 13h e sai às 18h, menos no domingo.
- 💳 à vista ou, se não, pelo PIX.



**“Agora tá saindo bastante meia porque tá frio, mas vende bem as três coisas. No Paraguai, eu vendia de tudo: eletrônico, CD's. Em São Paulo, era chaveirinho, bolsinha, travessinha e agora estou trabalhando com os produtos daqui”**

### TREKOS DE LUXO CARMEM

“Eu vim do Amazonas. Sou natural do Pará. Vim pra Florianópolis em busca de um sonho. Quando eu digo que vou fazer uma coisa, eu faço tudo”

- 📍 está mudando de localização, mas ainda na SC-403. Também no Instagram @trekos.deluxo
- 🕒 funciona nas quintas, sextas e sábados.
- 💳 dinheiro, PIX, cartão de crédito e – se a pessoa não tiver dinheiro – aceita produtos em troca.

**“O que eu vendo aqui são Trekos de Luxo, coisas que a gente seleciona e que sempre serve em alguém. Roupa, casaco, sapato, botas, bijuterias, o que aparece. A gente sempre coloca um preço que alguém possa pagar. Se a pessoa tem um produto e não tem dinheiro a gente troca”**



### BAZAR E BRECHÓ CLÁUDIA

“Eu sou gaúcha. Venho de Porto Alegre e moro aqui há 7 anos. Nós temos um bazar que já tem em torno de 10 anos aqui, no mesmo lugar. Vendemos roupas, sapatos, ferramentas...”

- 📍 o bazar é em frente à Caixa Econômica Federal – é super conhecido
- 🕒 todos os sábados das 8h às 18h e nas quartas também.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.



**“Aqui é bem difícil ter loja, porque é um custo bem alto ter um ponto estratégico. Como tem muitas pessoas que vêm de fora, de outros estados quase sem nada, esses utensílios domésticos a gente vende muito bem. Acaba ajudando todo mundo. Hoje em dia brechó é vida!”**

## Pesquisa ambulante

Por Gabriel Villas

O comércio de rua é uma atividade que está presente nas cidades brasileiras desde o princípio do século XIX, atravessou todos os ciclos econômicos e segue enraizada no cotidiano das cidades até hoje. No Zinga, não poderia ser diferente.

No dia doze de junho, dia dos namorados, saímos em busca das e dos comerciantes de rua do bairro. Realizamos uma caminhada pelas ruas dos Ingleses começando do alto da rodovia João Gualberto Soares e descendo em direção à SC-403 por onde seguimos até a Praia dos Ingleses. No caminho, nos deparamos com uma variedade de produtos que podem ser adquiridos na rua, entrevistamos 8 comerciantes e compramos uma mercadoria de cada para nosso acervo pessoal.

Boa parte das e dos comerciantes de rua nos relatou que uma das facilidades em ser vendedora(o) ambulante é que a profissão possibilita entrar em contato com as pessoas e criar relações de amizade, já que muitas vezes a rua se apresenta como lugar propício para trocas. Antônio nos

relatou que “as pessoas chegam aqui e não é só uma venda. É uma troca de cultura de informação”. As trocas acontecem com os clientes, mas também entre os próprios comerciantes, como nos relatou Carmem: “tem dias que vende bem e tem dias que quase nada... aí os outros vendedores vêm e a gente conversa o dia todo e isso também é muito bom, a gente vai ampliando”.

Frequentemente, os produtos vendidos no comércio de rua têm preços mais acessíveis. Os brechós e bazares de rua, por exemplo, contribuem para que diversas pessoas tenham acesso a utensílios de cozinha, roupas e ferramentas em bom estado, prolongando a vida útil destes produtos e evitando que cheguem ao aterro de Biguaçu tão cedo. Como bem disse Cláudia do Brechó e Bazar da esquina da Caixa: “Brechó é vida!”.

Ao comprar no comércio de rua você apoia os produtores e os produtos locais e pode adquirir produtos frescos, de qualidade e preço acessível. Como é o caso dos legumes orgânicos do Cezar, produzidos e distribuídos por uma família de agricultores do continente, ou então, os produtos coloniais do Antônio que são produzidos de forma artesanal, logo ali, em Lages.

As formas de pagamentos são das mais variadas, para não

haver desculpas. A maioria dos ambulantes aceitam dinheiro, PIX, cartão e até fiado e troca em alguns casos especiais. O Cezar, que também é conhecido em algumas ruas como “O véio do berro”, fez um cartaz com o texto “Aceito PIX, cartões” e colocou em seu carrinho de legumes, chamando a atenção dos clientes para as possibilidades de pagamento.

Aqui no Zinga, a temporada interfere diretamente nas dinâmicas do comércio ambulante. Wagner, por exemplo, durante o verão vende sorvetes e durante o inverno algodão doce: “No verão, a gente trabalha todos os dias, mesmo quando tem chuva, a gente espera pra ver se vai passar ou não”. Wagner também nos relatou que, no verão, o trabalho é mais cansativo e que durante a temporada caminha, por dia, cerca de 40 km empurrando o carrinho e que muitas vezes precisa de analgésicos depois do trabalho.

Em Florianópolis, o clima costuma ser instável. A Ana prefere trabalhar nos dias nublados com temperatura amena aos dias de calor ou frio intenso. Cláudia e suas colegas do Bazar Brechó, compraram uma tenda nova para se proteger das chuvas. “Sempre tivemos a tenda e às vezes ela voa quando tem muito vento. Essa daqui é nova”. Em dias de chuva, Antônio conta que o trabalho é focado nas redes sociais. Carmem também aposta nas redes para fazer suas

### COSMÉTICOS ANA

“Eu vim de Porto Alegre. Moro aqui há 9 anos e vendo minhas coisas faz 4 anos. Na rua faz 2 meses. Antes eu vendia em casa. Começou a cair a venda e a gente teve que dar um jeito de aumentar de novo”

- 📍 no estacionamento do Angeloni no gramado, na calçada – pro povo passar e enxergar mesmo.
- 🕒 de segunda a sexta das 13h30 às 20h. Nos sábados das 10h às 13h.
- 💳 cartão, débito, crédito, PIX, do dinheiro, transferência por link de pagamento.



**“Tem dias que tá ótimo de trabalhar, que tá nublado, não tá quente, não tá frio, mas tem outros que o sol está de rachar. Achei que ia vender mais kits de dia dos namorados, mas o povo tá com a mão fechada. Venham comprar Avon, Natura!”**

### PRODUTOS COLONIAIS ANTÔNIO

“Eu vendo produto colonial que produzimos a 198 km daqui de Florianópolis, pertinho de Lages. Sou vendedor desde que tirei as remelas dos olhos. Vim lá da beirada do Rio Grande, lá de Uruguiana, tchê! Faz 15 anos que tamo aqui na ilha. Nos recebeu bem”

- 📍 do lado do Angeloni, no estacionamento.
- 🕒 pela parte da tarde.
- 💳 cartão, PIX, Bitcoins, dinheiro – é eclético. O negócio é receber o dinheirinho. Só fiado que não.

**“Dia de chuva é focado na rede social. Hoje o pessoal confia mais na internet, então pelas redes sociais eu faço bastante venda e vou entregar na porta do cliente que hoje é uma praticidade que todo mundo busca”**



### REDES AMARAL

“Sou paraibano, mas eu ando no meio do mundo tem 10 anos já... fazendo vendas no meio do mundo. Vai fazer 1 ano que estou aqui”

- 📍 sempre na avenida principal, próximo à loja Millium e ao Banco Itaú. Na temporada, nas praias, só que andando.
- 🕒 das 10h às 6h, todos os dias.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.



**“A dificuldade é de você tá na rua e não conseguir trabalhar direito. A gente não tem vez, ninguém fala pela gente. Eu queria trabalhar e não depender de ninguém... Dependendo da rua, do povo, o resto com fé em Deus, saúde e felicidade nós consegue, o resto nós corre atrás”**

### SORVETEEALGODÃO-DOCEWAGNER

“Trabalho como ambulante há uns 18 anos na praia, na ilha faz 5 anos. No verão, trabalho com sorvete e na baixa temporada com algodão-doce. Sou natural de Porto Alegre. Morei 15 anos no litoral do Rio Grande do Sul”

- 📍 na areia, na praias e nas praças.
- 🕒 no verão, todos os dias. Das 8h da manhã – mais ou menos – até umas 17, 18 horas, dependendo do movimento até as 20h. Na baixa temporada é mais no final de semana.
- 💳 dinheiro, cartão e PIX.

**“A gente é nosso próprio patrão. Geralmente você trabalha mais, mas o teu rendimento é maior financeiramente. Eu tenho uma margem de ganho maior, eu tenho mais expansão... A dificuldade é que é cansativo”**



de bairros é de 2017 (002/PMF/SMSP/SUSP/2017), que disponibilizava apenas 03 vagas para o comércio ambulante no bairro dos Ingleses, com validade de um ano. Vale lembrar que, se lançado o Edital, a inscrição por si só não garante o alvará, uma vez que as vagas são limitadas e concedidas a partir de um sorteio. As pessoas que não forem sorteadas não têm autorização para trabalhar e necessitam aguardar a abertura do próximo edital e tentar a sorte novamente.

Os editais permitem o comércio de produtos em locais específicos por um tempo determinado e o alvará tem um custo para as comerciantes. O edital de bairros (de 2017) permite o comércio de lanches e salgadinhos, doces e bebidas e seu alvará na época saía pelo valor de R\$ 182,20. Já o edital para comércio ambulante nas praias permite, pelo período de 4 meses, o comércio de água de coco, empada, picolé, bebidas, choripán, açaí, artigos de praia, entre outros. Segundo o Edital Nº 007/PMF/SMSP/SUSP/2020 a taxa para o alvará de água de coco, por exemplo, é de R\$ 1.409,18 por ambulante. O edital de finados autoriza, por sua vez, o comércio ambulante em frente aos cemitérios pelo período de 5 dias e permite o comércio de velas, flores (naturais e artificiais), cachorro quente, pipoca, água e refrigerante. Neste

caso, a taxa do alvará é de R\$ 101,35 por ambulante.

A Edite, que hoje vende meias, máscaras e panos de prato, trabalha como comerciante ambulante há mais de 30 anos e já trabalhou em quatro cidades diferentes. Apesar das atividades do comércio de rua serem antigas e cumprirem um importante papel no mercado de trabalho, carecem de reconhecimento pelo poder público. O comércio de rua promove os mais variados tipos de trocas no espaço público e suas atividades são realizadas de forma atenciosa, potencializando relações que são próprias da vida em coletivo. Afinal, quem conseguiria imaginar uma cidade sem comércio de rua?



Estas entrevistas são uma parceria entre o Jornal do Zinga e a pesquisa “Espacialidades Ambulantes”, realizada através do prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, da Fundação Catarinense de Cultura, os produtos foram comprados e as entrevistas remuneradas com recurso deste edital.

**Gabriel Villas** é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Desde 2017 acompanha as movimentações do comércio de rua, tema de seu TCC. Atualmente é mestrando em Artes Visuais na UDESC. Frequentador do Zinga desde 2019, recentemente se mudou para o bairro.